



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **CERÂMICA, ARTE ELEMENTAR: EXPERIMENTAÇÕES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Emanuel Guedes Soares da Costa

Secretaria Municipal de Educação – Itambé/PE, [emanuelkouros@gmail.com](mailto:emanuelkouros@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho apresenta a vivência de um projeto com foco nas práticas cerâmicas, aplicado em uma escola de Educação Básica, no município de Itambé, estado de Pernambuco. Visando ampliar as possibilidades expressivas dos estudantes, repensando o paralelo de aula de arte enquanto aula de desenho. Também, atentar a relação da cerâmica enquanto produto da articulação de elementos naturais e contextuais da cultura. Pautado metodologicamente pela Abordagem Triangular a proposta visou conhecer e refletir saberes de caráter artístico, sociais, regionais e históricos atrelados à cerâmica, assim como alargar a possibilidades expressivas, experimental e estética entre os discentes. Para tal, fora construído um forno rudimentar, desenvolvida a pesquisa para aplicação do projeto e aplicados acordo didático e aulas teóricas. Foram contextualizadas imagens acerca do advento e história da terracota, apreciada a produção em algumas regiões do mundo e de artistas contemporâneos, assim como, vistas possibilidades de composição. Os modelados em argila foram desenvolvidos no laboratório em grupos ou individualmente, estimulando-os a experimentar a inserção de outros materiais, mas, respeitando a concepção estilística de cada autor/grupo. Toda a produção discente fora exposta em uma mostra de Arte, após um participativo processo de análise.

**Palavras-chave:** Cerâmica, Arte, Educação, Queima, experimentação.

### **Introdução**

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



O fazer cerâmico, conhecimento milenar, foi por anos atividade impensável no Ensino Fundamental no município de Itambé - PE, devido a fatores estruturais e de formação. Não havia até o ano de 2009 profissionais na área de Arte/Educação, e até 2014 salas minimamente adequadas para a experimentação artística. O que se aplicava até então, eram cópias mimeografadas de desenhos estereotipados para que os alunos colorissem. Visando ampliar as possibilidades expressivas em Arte, ampliando a compreensão do ver, saber e pensar, fora proposto o projeto “Cerâmica - Arte Elementar”.

O anseio de propor práticas inovadoras, tal como a cerâmica, como meio expressivo aos discentes do Colégio Municipal Professor Nivaldo Xavier de Araújo, fora um desejo docente desde as aulas de Cerâmica, na UFPB, ministradas pela professora e artista visual Rosilda Sá. Todavia, a falta de um espaço pensado para o fazer artístico impossibilitava um leque de atividades plásticas. No fim de 2013, com a adequação de uma das salas da citada escola em laboratório, o desenvolvimento do projeto tornou-se viável.

Propor fruir, compreender os diferentes valores tempo/espaço e experimentar através do tridimensional, permitiria ao estudante desvincular o paralelo “aula de Arte” como “aula de desenho”, ou seja, pular do bi ao tridimensional. Afora as possibilidades plásticas que o próprio modelado em argila permite, enquanto ato criador e experimental, também as inserção da relação com outros materiais (vidro, ferro, inox).

O processo de composição e a observação dos efeitos pós-queima conferem a produção plástica discente um caráter de pesquisa, análise e conclusão dos resultados. Outrossim, a prática da cerâmica pelos estudantes, articulou um fazer desenvolvido desde tempos Pré-Históricos até suas diferentes aplicações na contemporaneidade. As atividades fomentaram expressão artística e experimental, respeitando suas idiossincrasias visuais, externando-se, criando vias de comunicação plástica.

## **Metodologia**

Sob o aspecto metodológico, optamos pela abordagem triangular, pois, persiste como um dos principais nortes na Arte/Educação brasileira devida substancialidade e robustez da proposta. Pautada pelo tripé “apreciação, contextualização e produção” visa ampliar o entendimento quanto às manifestações artísticas, o conhecimento sobre as mesmas e uma prática verdadeiramente pensada, pois, como coloca Barbosa (1991, p.32): “só um fazer



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

consciente e informado torna possível a aprendizagem em arte”.

O pensamento de Barbosa é também compartilhado por Bredariolli (2010, p.35-36):

Neste sentido o aluno é considerado leitor, interprete e autor. Essa concepção educacional é um dos fundamentos da Abordagem Triangular, por isso não pode ser caracterizada como um método constituído por etapas em disposição hierárquica. A Abordagem Triangular foi estruturada como um organismo, articulado pela interação e interdependência entre suas ações totalizadoras - a “leitura” crítica, contextualizada e produção – realizadas no diálogo entre o professor e o aluno

O processo da abordagem triangular não segue uma forma hierarquizada e engessada sobre o que se fazer primeiro. A construção do saber pode ocorrer primeiramente através da contextualização, seguido da apreciação e por fim da prática artística ou vice e versa. A leitura e contextualização são momentos importantes neste processo, todavia, o interesse discente dá maior atenção às práticas artísticas (BARBOSA, 1991, 2005, 2010).

Nas Artes Visuais, as experimentações plásticas são atividades fomentadoras de aprendizagem, inclusão e desenvolvimento em âmbitos variados. O fazer é a ação em que a maioria dos indivíduos apresenta mais estímulo, uma vez, que estes lidam com o concreto, com a resolução de problemáticas, tanto de caráter funcional, quanto estéticos ou comunicativo (BARBOSA, 2010).

No entanto, muitas das práticas compositivas ou possibilidades estéticas não são conhecidas por discentes da rede pública de Educação Básica, devido a espaços e estruturas inadequados para prática ou questões limitações logísticas, atreladas a aspectos financeiros ou regionais.

A escola onde a proposta fora aplicada era dotada de um laboratório de Artes e foram disponibilizados recursos para construção de um forno rudimentar. A adaptação da sala de aula para um laboratório de Artes se deu com a construção das pias, prateleiras e o reaproveitamento de cavaletes e madeiras como base para mesas. A reformulação do espaço proporcionou o suporte para os discentes, tais como: água, ambiente para construção e salvaguarda das produções.

Para desenvolvimento do projeto, foi iniciada a pesquisa, em janeiro de 2014. Para tal, foram resgatados saberes obtidos na academia através de revisão bibliografias sobre o tema, pesquisas na internet, visitas a exposições, ateliês e oleiros. Também, foram solicitadas informações a sempre prestativa orientação da professora e artista Rosilda Sá.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Após todo processo de fundamentação teórica e pesquisa, fora desenvolvido o material para análise em sala de aula (seleção de imagens para montagem de slides, escolha de objetos e textos para apreciação).

Por fim, a junção dos meios teóricos, didáticos e logísticos fomentaram possibilitaram o desenvolvimento do projeto.

## **Resultados**

No primeiro encontro, os discentes foram sondados acerca do conhecimento sobre cerâmica, para tal, foram dispostos na mesa da sala alguns objetos cerâmicos como bonecos, quartinhas, filtros de água, panelas, potes. Os estudantes observaram, tocaram, identificaram a sonoridade.

Em seguida, foram questionados se eles conheciam ou se possuíam aqueles artefatos em casa. Alguns disseram que possuíam, outros apontaram que já haviam visto na casa das avós. Ainda, perguntamos se conheciam o processo de fabrico. Colocaram que era feitos de barro e alguns apontaram que eram queimados, mas desconheciam o processo. Com base no que trouxeram, falamos sobre os processos e tipologias de queima e cerâmica. Também, sobre o atrelo do fazer cerâmico aos quatro elementos: terra, água, ar, fogo.

A história da cerâmica foi o tema da segunda aula, onde debatemos sobre as hipóteses do advento da cerâmica. Apresentamos alguns *slides* contendo algumas Vênus esteatopígicas, tais como a Dolni Vestonice<sup>1</sup>. Ainda apreciamos as características e contextualizamos acerca das terracotas nas civilizações da antiguidade (Sumérios, Egípcios, Gregos).

Na terceira aula, observamos imagens em *slides* dos Guerreiros de Xian, assim como, comentamos alguns textos obtidos em revistas nacionais.

A cerâmica indígena brasileira tapajônica e marajoara foi o mote do quarto momento. As imagens em slides das urnas, amuletos e tangas foram o ponto de partida para questionamentos acerca dos usos e crenças dos povos da floresta.

O quinto e sexto encontros giraram em torno do conhecimento da obra de artistas como: Vitalino, Antonio Poteiro, Francisco Brennand, Pablo Picasso, através de imagens em *slides*.

Durante a sétima aula foi apresentada trabalhos contemporâneos através de imagens em *slides* e vídeos de artistas como: *Philippe Faraut*, *Johnson Tsang*, Rosilda Sá, Miguel dos

---

<sup>1</sup> Vênus de Vestonice, 30.000- 25.000 a.C.  
(83) 3322.3222



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Santos, *Barbara Nanning*, Norma Grinberg, *Li Xiaofeng*, Ronit Baranga. Foi observada a universalidade da produção cerâmica através dos vários de artistas de diferentes lugares, mas também, a diversidade estilística, expressiva, técnica e de modalidades.

A última aula com foco na apreciação e contextualização teve como tema os pólos cerâmicos no Brasil. Foi observada através das imagens dos *slides* a produção do Vale do Jequitinhonha (situado no norte de Minas Gerais), do Alto do Moura (uma comunidade artesã em Caruaru-PE) e do município de Tracunhaém.

Após, todo processo de conhecimento acerca da história, tipologias e modos acerca do universo cerâmico. As aulas passaram a serem vivenciadas no Laboratório de Arte. Foram demonstradas algumas técnicas para experimentação, tais como, placas e moldes de gesso, rolinhos [*c.f. infra foto 1*] para que os discentes optassem pela que melhor se adequasse proposta de cada um.



**Foto 1: Técnica de rolinho (Emanuel Guedes, março/2014)**

Conversamos ainda sobre materiais que poderíamos experimentar durante a produção e queima, como também, antevemos hipóteses dos possíveis resultados. Antes de manusearem a argila, solicitamos que pensassem acerca do quê comporiam, orientamos o esboço em papel. Muitos rascunharam e trouxeram o projeto para execução na aula seguinte.

Os três encontros que se sucederam foram eminentemente focados no fazer [*c.f. infra foto 2*]. Foi observado o compromisso, o asseio com a sala, o desenvolvimento do modelado, a utilização e experimentação de outros materiais, como também, a correta aplicação técnica.



**Foto 2: Processo compositivo (Emanuel Guedes, março/2014)**

Alguns se agruparam para produzir uma peça, outros viam o ato de compor como algo estritamente pessoal. No entanto, os passeios pela sala, a conversa, a troca de idéias afastava a impressão de individualismo, todos davam e recebiam durante o desenvolvimento da prática de alguma forma. A conversa entre os discentes, naquele momento, era importante, pois, estreitava os laços, aquecia as relações, tal qual o calor da mão aquece a argila umedecida. Também, desfazia o conceito da sala de aula regrada de espaços rígidos, vinculados a posição da carteira.

Ao tempo que a produção era desenvolvida o forno para queima foi sendo construído. Toda a construção se baseou no trabalho monográfico “Sistemas elementares de queima: uma alternativa para as aulas de cerâmica” (SÁ, 2001) e na observação docente de fornos de outros ceramistas. Um pedreiro colaborou na edificação do forno, porém, os alunos acompanharam e ajudaram durante o processo.

Com o término da construção do forno, apenas aguardamos o cessar do período chuvoso, uma vez que o forno não era coberto, para darmos início a queima.

Em meados do III bimestre, a queima foi realizada, tendo a participação dos alunos das cinco turmas do 9º ano as quais lecionava<sup>2</sup>. Optamos por fazer a queima num sábado (09/08/2014), devido ao menor fluxo e pessoas na escola, diminuindo riscos e dada à necessidade do desenvolvimento do processo sem interrupções.

---

<sup>2</sup> Os estudantes foram organizados em tarefas e horários específicos, todavia, muitos ficavam mais tempo ou acompanharam todo processo para saber como se dava.  
(83) 3322.3222



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A madeira utilizada para queima foi oriunda de mobiliário descartado pela escola, o que gerou a reflexão acerca do caráter sustentável e de manutenção do patrimônio escolar.

As atividades foram iniciadas às 07:30horas com o transporte das peças para perto do forno. Às 08h00min, foi iniciado o **enformamento** e vedação [*c.f. infra foto 3*].



Foto 3: Enformamento e vedação ( Emanuel Guedes, agosto/2014)

O **esquente** começou por volta das 08h50min e se deu até as 13h00min. A partir das 13h30min demos início ao **cardeamento** [*c. f. infra foto 4*], que se deu até as 05h00min finalizando assim o processo de queima.



Foto 4: Cardeamento ( Emanuel Guedes, agosto/2014)

O resfriamento se deu ao longo do fim de semana, todavia, o forno só foi aberto na quarta-feira, com a ajuda dos alunos do 9º ano C. Ainda neste dia, as peças já queimadas foram cuidadosamente retiradas e levadas ao laboratório para análise. Ao longo da quarta-feira (13/08/2014) foi feita a análise da queima com os



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

estudantes. Observaram quais peças haviam saído ilesas ao processo, quais efeitos obtidos com a queima, o que havia acontecido aos materiais (bolas de vidro, metais e papéis) que estavam juntas as peças.



**Foto 5: Abertura do forno e retirada das peças ( Emanuel Guedes, agosto/2014)**

Cerca de 80% das peças produzidas com a técnica do rolinho não estouraram ou queimaram sem maiores problemas. Já outras formas de produção (como moldes de gesso e painéis) não foram tão eficazes, uma vez que, concentraram bolhas de ar e estouraram dentro do forno, conforme hipóteses levantadas. Optamos por fim expor todas as peças, já que, o produto da queima, inclusive as que foram avariadas fizeram parte importante do processo de aprendizagem. Nesta atividade, os erros foram necessários, pois, fomentou saberes para ponderar as melhores técnicas, planejarmos melhor enforamentos e datas para queimas vindouras.

A etapa final da proposta se deu com a montagem da mostra [c.f. *infra foto 6*]. A articulação entre os discentes foi essencial a todo o processo. Os tampos das mesas do laboratório de artes foram pintados e transformados em biombos para afiação das peças. Portas e outros materiais descartados serviram de suporte para expor os trabalhos.

A mostra ficou aberta ao público entre 02 a 09 de outubro de 2014. Toda apresentação dos conceitos e processos ficou por conta dos estudantes, inclusive a apresentação do forno e as etapas de queima.



**Foto 6: Montagem da mostra ( Emanuel Guedes, setembro/2014)**



**Foto 7: Máscaras cerâmicas compostas pelos estudantes (Emanuel Guedes, outubro/2014)**



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O



**Foto 8: Disposição das peças durante a mostra (Emanuel Guedes, outubro/2014)**

## **Conclusão**

Ao fim da proposta e em círculo avaliativo com os discentes compreendemos que nem só de fazer é constituída a prática em terracotas. O saber teórico e a apreciação estética de diferentes épocas e regiões, a observação estilística e expressiva de diferentes artistas e polos cerâmicos, a pluralidade técnica e de processos, assim como, a diversidade de materiais e termos específicos enriquecem o conhecimento humano. Ao vivenciar estes saberes, os educandos puderam fazer uma viagem histórica e a vários locais do mundo através das imagens, vídeos e textos analisados em sala de aula. Bem como, entenderam os processos e possibilidades do fazer cerâmico e o caráter curioso de experimentar para criar.

As atividades de apreciação das imagens envolvendo a conversa, assim como, o fazer no laboratório desprendido da aura clássica da sala de com carteiras enfileiradas, libertou o aluno a exprimir, tanto oral, quanto visual. Tanto a liberdade produtiva, quanto o conhecimento teórico e empírico, desvelou o protagonismo, a curiosidade em experimentar a segurança, em falar sobre algo, no qual conhecem todas as etapas. Estas qualidades afloradas durante a proposta de trabalho fluíram de forma inesperada e gratamente recebida, uma vez que, se faziam necessárias a jovens que findavam o Ensino Fundamental e ingressariam ao Médio.

O trabalho com cerâmica é bastante árduo, principalmente a etapa da queima. Todavia, é gratificante ver as descobertas discentes, o conhecimento prático totalmente aliado à teoria, as formas produzidas; as relações de materiais e afetivas



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

sendo construídas dentro do laboratório; as histórias pessoais contadas durante um modelado e outro.

É válida a empolgação dos estudantes produzindo em pé, durante duas horas, sem reclamar devido ao laboratório não ter cadeiras. Outrossim, a permanência no laboratório, mesmo após o sinal sonoro que marcava o fim da aula.

Também, fora positivo combinar atividades em horário extra e a maioria se propor a vir. Atitudes discentes como estas, ratificam o que coloca Ernest Fischer quando aponta que a função essencial da arte para uma classe destinada a transformar o mundo não é a fazer mágica, e sim, a de esclarecer e incitar à ação (FISCHER, 2002)

Neste sentido, percebeu-se que a arte pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento (e participação) de um grupo ou de mudança em posturas comportamentais de determinados indivíduos. A Arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente (FISCHER, 2002).

## **Referências**

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem do ensino da arte**. São Paulo: Ed. Perspectiva; Porto Alegre: Fundação Iochpe, 1991.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte educação no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BREDARIOLLI, Rita. Choque e formação: sobre a origem de uma proposta para o ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs). **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. 9ª edição. Ed. LTC, São Paulo, 2002.

SÁ, Rosilda. **Sistemas elementares de queima**: uma alternativa para as aulas de cerâmica. Monografia (Especialização em Artes). Departamento de Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

STRICKLAND, Carol. **Arte Comentada: da Pré-história ao Pós Moderno**. Tradução: Ângela Lobo de Andrade, Ediouro Editora, Rio de Janeiro – RJ, 2004.